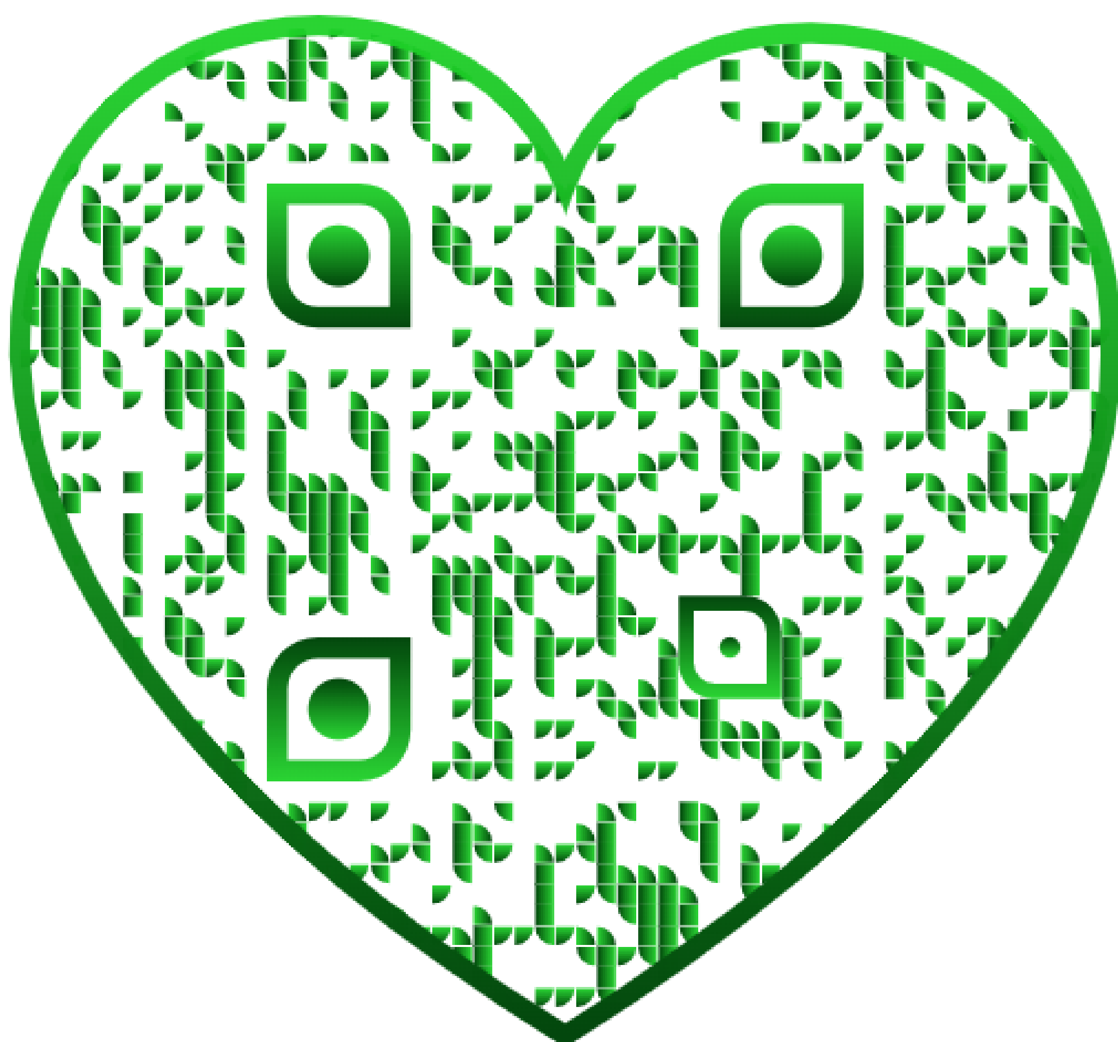
AMARELO

MARCIO SGRECCIA

Agradecimentos para meu irmão Vicente



Zeca era meio magrinho, tinha seis anos, estava no pré-primário e aprendera a ler e a escrever. Gostava mesmo era de construir frases, inventar palavras, navegar na Internet. Desenhava tudo o que via colorindo seus desenhos com as cores de tons fortes. Combinou muitas destas nuances no micro. Chegou a inventar um arco-íris com muitas tonalidades que ele nunca vira antes nem mesmo acho que conseguiria saber o nome da cor. A cada dia inventava das

suas. Quando viu um arco-íris de verdade, depois de um dia chuvoso na fazenda do seu tio, desistiu de inventá-los. Aquele era imenso, belo, com cores cambiantes. Ele jamais teria mãos tão poderosas para construir outro igual. Assumida a derrota, ficou com a marca daquela imagem deslumbrante na cabeça. Um dia, quem sabe, ao entrar na Internet, estudaria um dêstes que se espalhava pelo mundo. Apoderando-se de uma fórmula mágica inventada por ele, faria o mais belo arco-íris da face da terra. Andando pela estrada encontrou por acaso um cristal branco. Ao colocá-lo frente à luz ele se refratou nas cores do espectro solar. Não seria mais necessário aprisionar nenhum deles. Porque tinha um nas suas mãos. Um dia ganhou um livro que contava a história de dois peixes com fotos coloridas do fundo dos lagos e dos rios. Quando sua família passava férias na praia visitava o aquário. Via também os peixes mortos que eram vendidos na feira. Chegou a conhecer um pescador com sua enorme rede entupida de pesca que prometera um dia levá-lo para pescar em alto mar. Então começou a estudar as várias espécies de peixes pela Internet. Ficava grudado na tela do micro horas, vendo baleias, tubarões martelos, seus estranhos costumes, o canto das baleias na época do acasalamento, os diferentes cardumes do peixe rei, os salmões que faleciam obedecendo a um estranho ritual. Morriam de um modo inexplicável, aos milhares, depois de mudarem suas cores fortes. A morte era o fim de uma etapa. Precisavam morrer para que seus ovos fertilizados se reproduzissem, milhares deles. Seu corpos acabavam servindo de alimento para os ursos e as águias.Com os meninos era assim também. Correndo contra o tempo logo todos de uma maneira ou de outra teriam o seu "ritual de passagem ". Mesmo sendo viciados em bolinha de gude coloridas. Outros em colecionar figurinhas e preencher álbuns comprados nas bancas de jornais. Outros negociando moedas e selos... enfim...Mas ele gostava de soltar pipa. Quase todos os dias ele saía para fazê-la subir aos céus e bailar entre as nuvens, cada vez mais distante, cada vez dando mais linha, cada vez ficando mais longe do seu mundo. Era só buscar aquela brisa certa, encontrar a corrente de vento mais forte. Pronto, lá estavam elas nas alturas, enlouquecidas pela liberdade que conseguiam atingir os céus, como naves teleguiadas por fios sensíveis e mãos habilidosas. Zeca tinha um amigo que só gostava de rolimã. Outro só gostava de caçar passarinhos com arapucas e estilingues. Depois, engaiolá-los. Lá ficavam eles tristes, não se alimentando direito, sofrendo de solidão. Morriam ensandecidos, debatendo-se entre as grades que reprimiam sua liberdade, seus vôos, suas ninhadas, seus horizontes.

Uma vez, Zeca conseguiu pescar um pequeno lambari. Imediatamente o tirou do anzol e o devolveu ao rio. Teve tanta pena de ver aquele peixinho se debatendo pela vida, que nunca mais pensou em pescar outro peixe. Mas no dia do seu aniversário ganhou um aquário com um lindo peixe dentro dele. Um peixinho amarelo, lindo de morrer, com suas barbatanas brancas e transparentes parecendo velas de um barco, ou asas de um pássaro aquático, ou quem sabe, uma borboleta dos rios, lagos e mares. Batizou-o com o nome de Amarelo. As guelras eram rosadas e os olhos puxando pro azulado. Colocou o aquário no seu quarto, de frente para sua cama. Deitado ficava a olhar seu novo amigo e assim se perdia no tempo. As horas iam passando, ele adormecia, acordava, e lá estavam aqueles olhos enormes a fitá-lo o tempo inteiro. Amarelo não desgrudava seus olhos do Zeca. Parecia um obstinado a bailar naquelas águas deliciosas e borbulhantes do seu palácio. Ora, mergulhava rápido, remexia o fundo arenoso e enfeitado com pedras brancas, sugava o alimento e voltava a ficar imóvel. Depois se escondia atrás das ametistas. vez Abria aquela boca e espreitava seu novo dono. Zeca começou a perceber que Amarelo transava um código. Ele estava querendo dizer alguma coisa. Estranho aquele peixinho! Amarelo queria se comunicar com ele. Mas como? De que jeito?

Então Zeca teve uma idéia. Começou a imitar o Amarelo. Primeiro se olhavam muito. Mas era difícil se concentrar naquele peixinho. Amarelo tinha mais força de vontade do que seu dono. Podia ficar imóvel por muito mais tempo. Zeca se esforçava, mas neste jogo o outro era melhor. Tentou imitar as expressões do Amarelo. Remexia e contorcia a boca, franzia a testa, mostrava a língua, abria um olho e fechava outro, esticava as duas orelhas, botava óculos escuros. Um dia colocou uma máscara de carnaval. Amarelo se escondeu atrás das pedras no ato. Fora as máscaras, nada dera resultado. Nenhuma expressão queria dizer coisa alguma pro Amarelo. Pelo contrário. Percebeu que Amarelo tirava uma com a sua cara. Amarelo se divertia e muito com aquele circo meio improvisado. Conforme arregalava os olhos, ou mostrava as mãos como se fossem garras afiadas, escancarava a boca como fazem os meninos, Amarelo se divertia. Se não gostava de nenhuma daquelas expressões tão bizarras, virava as costas para Zeca. Assim ficava por um bom tempo, olhando-o sorrateiramente. Um dia Zeca chegou com uma máscara de palhaço, destas máscaras que são usadas no Carnaval. Amarelo endoidou de vez. Zeca tirou a máscara. Amarelo se acalmou. Zeca colocou novamente a máscara. Amarelo recomeçou, parecendo que ia arrebentar o vidro do aquário. Decididamente, Amarelo não gostou daquela máscara. Zeca pensou que os peixes não iam

gostar nunca de circo, que jamais levaria Amarelo para se divertir numa daquelas sessões do picadeiro, com os trapezistas voando pelo espaço e aquela lona furada com mil buracos deixando aparecer as milhares de estrelas do nosso sistema solar. Um espetáculo único! Zeca descobriu outra novidade: Amarelo também não gostava do Serelepe. Era o viralata aparecer, ele ficava bravo. Zeca contou a história do Serelepe. Fora um cãozinho abandonado nas ruas, recolhido pela Divina. Serelepe era de amargar, só fazia das suas, mas mesmo assim, tinha lá o seu encanto. Por sua vez, veladamente, Serelepe demonstrava ciúmes de Amarelo. Olhava o peixinho com desdém e quando estavam a sós, rosnava e latia ameaçadoramente. Se encontrasse o Zeca no quarto combinando alguma coisa com o Amarelo, puxava o Zeca pelas calças porque queria sair à rua. Como Zeca acabava expulsando o pobre cãozinho do quarto, ele partia prá cima da Divina. Habituou-se a roubar uma das sandálias havaianas dela. Escondia um dos pés, mordia a borracha, rasgava o solado, deixando a empregada maluca. Foi aí que Zeca proibiu definitivamente Serelepe de entrar no seu quarto. Não dormiram mais juntos. Serelepe foi obrigado a dormir num caixote, mas no quintal. No começo andou estranhando, mas por um bom pedaço de osso, que diferença fazia dormir aqui ou ali?

Um dia, Zeca resolveu fazer uma experiência com Amarelo: a música. Que tipo de música Amarelo gostaria de ouvir? Teria alguma preferência? Gostava dos Beatles?

Seu pai tinha uma bela coleção de Cds. Eram músicas eruditas que faziam contraponto com as programações de rádio que a Divina ousadamente ouvia e tentava repetir. Serelepe gostava das músicas da Divina, sem sombra de dúvida. Já fizera a sua opção sonora, a mais forte aliada da Divina. Agora eram dois a se unirem pelo mesmo princípio. Trancafiava-se com Divina no seu quarto, ou na área de serviço e até mesmo na cozinha. Quando a música que tovaca era "aquela ", então tudo corria a mil maravilhas. Divina cantava, cantarola, desafinava, fazia carinhos nele, imagine, no Serelepe. Chegou certa vez a pegá-lo entre os braços e dançaram juntos. Quando Serelepe numa atitude de agradecimento lambeu-lhe as faces, ela o jogou no chão, enojada. Mas ele sempre saia com algum lucro nesta jogada. As vantagens eram boas. Valia a pena ouvir aquele barulho descomunal. Vinha pelo ar um bom naco de carne fresquinha ou um osso semelhante ao mais puro marfim. Uma delicia! Acostumou a esperar e sofrer os sucesss que estavam na parada!

Zeca desfilou um sem-número de concertos de vários compositores, maestros e

orquestras importantes. Não percebeu nenhuma reação. Mas quando colocou Mozart notou que Amarelo ficou quieto. Permaneceu quieto, ouvindo concentrado, apenas movimentando suas guelras. Sem sombra de dúvida: Amarelo gostava de Mozart! Zeca resolveu estudar Mozart. Não conseguia compreender direito aquela música. Mas era uma música muito bonita, uma música que parecia inspirar as pessoas. Já que não tinha muito familiariedade com aquele som, resolveu curti-lo mais intensamente. A partir daquela descoberta ele só ouvia "a música", o que afastava definitivamente Serelepe da jogada e, por extensão, a Divina que falava que aquela música parecia música de defunto. Mas Mozart parecia mais vivo do que nunca. Era impressionante a beleza daqueles acordes, das vozes, das variedades infinitas de dós e rés e sis bemóis maiores e menores, contrapontos e contrastes, coloridos e tonalidades. Mozart era um universo a ser explorado. Aquela música parecia vir lá de dentro ou melhor, alcançava a gente lá dentro. Ambos, Amarelo e Zeca, se deram muito bem com Mozart. Dormiam e acordavam ouvindo aquela música dos deuses. Viajaram no tempo e pelos reinos encantados dos sonhos promissores que aquela música oferecia. Conheceram estrelas, outros mundos, outras galáxias. Percorreram paises distantes, ficaram fascinados com a luz azul e intensa da gigante Órion, conheceram desertos e florestas, rios e mares. A música os induzia a todo tipo de fantasias e delírios e isto os fascinavam. Juntos ainda participaram da busca de um tesouro escondido porque Zeca lera a história numa das suas revistinhas de quadrinhos. Ele mudou o rumo da história e os piratas duelaram dias e noites sem fim, mas Zeca e Amarelo conquistaram sozinhos o tesouro depois de uma sangrenta batalha em alto-mar. Poucos corajosos haviam tentado a sorte e perdiam a vida quando estavam perto de encontrar aquele magnífico baú entalhado em prata e jacarandá. Foi numa destas aventuras que o mais interessante aconteceu. Zeca não sabia se estava dormindo ou se sonhou ou se estava realmente acordado, com os dois olhos bem abertos. Mas aconteceu. Tudo era um grande silêncio. Nada ao redor parecia se mover. O ar estava parado, as folhas das árvores não se moviam. Não se viam nem os pássaros voando, nem as borboletas, nem as nuvens brancas correndo pelos céus. Serelepe lá do seu recanto escondido do quintal percebeu alguma coisa estranha, meio diferente. Como estava com muito sono, ficou imóvel como uma estátua e dormiu novamente, embora tenha notado que a Divina estava estendendo a roupa no varal, segurando um imenso lençol branco que ficara, por sua vez, suspenso no ar. Zeca notou que seus gestos eram mais lentos. Articulou os dedos e ele pensou que tocasse uma música. Sentiu seu sangue jorrando dentro do seu corpo, revitalizando-o. Seus

pensamentos eram mais claros, distinguia tudo muito mais nitidamente. Era como se ele tivesse entrado em uma outra dimensão de tempo e espaço. Dimensionava tudo em volta. As cores saltavam aos olhos, cores e formas que nunca havia percebido antes. Era incrível o que estava acontecendo. E ao mesmo tempo extraordinário. Foi aí que ouviu a voz de Amarelo. Não eram mais os seus intermináveis glu-glu-glus que borbulhavam no aquário. Era a sua voz mesmo. Amarelo falava!

Lembrou-se de um amigo que viera conhecer o Amarelo e que lhe dissera que Amarelo parecia uma chaleira fervendo. Zeca riu da comparação. Era uma voz nítida, uma voz com jeito de água. Era uma voz que vinha ondulando de água, vinha nas pequenas ondas provocadas pelos movimentos de Amarelo. Uma voz estranha, meio gutural, borbulhante. E que borbulhava agora em sua mente, na sua memória, nos seus sentidos despertados. Eram palavras comuns, que ele Zeca falava com todo mundo, todos os dias.

Zeca tocou em seus braços, queria realmente saber se era verdade tudo aquilo. E era. Ele parecia ter convertido suas alegrias infantis em uma nova condição, numa espécie de sonho aparentemente real. As palavras de Amarelo tinham uma acentuação mais grave, mais roufenha. Talvez porque estivesse dentro do aquário, talvez fosse o vidro das paredes ou mesmo as pedras que estavam no fundo, ou, a areia. Desta vez ele ouviu muito bem: "Zeca, sou eu, Amarelo". Não restava a menor dúvida. Era a voz de Amarelo mesmo. De novo o peixinho falou: "Estou com fome". Zeca riu de novo. Era gozado aquele peixinho saber seu apelido. A impressão que dava era que Zeca estava dentro do aquário. Todo o seu quarto tinha se transformado em um enorme aquário. Ele estava mergulhado nas águas aparentemente invisíveis mas que lhe pareciam muito natural. Zeca era o dono daquele elemento água. Naquele instante ele reinava lá. Foi um momento rápido, uma impressão muito forte mas fugaz. De repente Zeca voltou ao estado normal e ficou confuso por algumas frações de segundos. As palavras de Amarelo eram de verdade. Saím da boca do Amarelo. Amarelo falava como ele, Zeca, falava, pronunciava determinados sons. Zeca estava atônito. Pareceu flutuar novamente naquelas palavras bolhas. Eram ondas sonoras que vinham de um grande silêncio. Do silêncio deles. Era este o segredo! Zeca estava falando a linguagem dos peixes. Procurou alimento e jogou no aquário. Amarelo comeu vorazmente e agradeceu. A partir daquele momento passaram a se entender muito bem. Da maneira mais simples deste mundo. O jeito seria encontrar aquele lugar onde o dia era eternamente. E o "toque mágico" era ligar a televisão. Era aparecer tubarões que Amarelo endoidava. Morria de medo daqueles monstros ferozes,

ardilosos, provocadores, desnaturados, habitantes das profundezas abissais dos oceanos. Amarelo escondia-se atrás das pedras brancas, tremia de medo, fechava seus olhos muito grandes e assim ficava por muito tempo, até que Zeca desconfiou um dia e mudou de canal. Então ele quis saber tudo destes seus primos tão distantes. Zeca colocava no vídeo a coleção de aventuras e pesquisas de Jacques Cousteau. Aprendiam juntos. Todo mundo conhecia o famoso barco batizado com o nome de "Calypso"e, por meio deles, iam embora pelo mundo. Por outro lado, Amarelo gostava das baleias e dos golfinhos. Ficava enternecido com o canto delas. Aprendera algumas de suas canções que ele cantarolava pro Zeca, meio desafinado meio fora de tom. Amarelo não era dotado da voz de um Pavarotti. Mesmo assim, sem saber destas suas dificuldades sonoras, fazia coro com as vozes tonitroantes das baleias e de seus cantos hipnóticos segredando-se pelos oceanos. Amarelo se apaixonou pelo boto cor-de-rosa da Amazônia. E ele fez uma série de exigências pro Zeca. Queria ver seus programas de televisão diariamente, porque assim revia seus amigos, suas filosofias de vida, suas histórias. Se Zeca o contestava e via de vez em quando um joguinho de futebol entre o Palmeiras e o Corinthians, Amarelo ficava contrariado porque não gostava de futebol. Nadava em círculos até Zeca perceber que aquele programa não era uma boa jogada. .Amarelo era quase igual a um ser humano. Tinha desejos, fantasias, emoções. Amarelo por exemplo, achava novela um desperdício. Não conseguia compreender que o universo dos humanos era bem diferente dos grandes passeios das baleias. Amarelo passou a conhecer um pouco mais da alma humana. Era só colocar Mozart no ar. Ele ficava em silêncio, meditativo, concentrado na música. Às vezes, Zeca achava que Amarelo era "muito"para sua cabeça.

Havia algo de estranho no ar. Amarelo pressentiu alguma coisa mas ficou na dele. Serelepe resolveu entrar em ação. Há dias que bolava uma estratégia de guerra para derrotar seu inimigo. Desta vez seu plano não falharia. Aprendera nas ruas técnicas de artes marciais. Nunca lutara com ninguém pois sempre dava um jeitinho de cair fora. Mas observava, tinha vocação para platéia. Mas as lutas marciais ficariam para o final. Seu plano era mais arrojado ainda. Ficara sondando o ambiente familiar enquanto fingia que estava dormindo. Serelepe tinha lá suas qualidades. Tornara-se decidido. Botou uma idéia na cabeça e aquilo ficou martelando lá dentro. Ele precisava agir de acordo com aquela "caixa de vespas” alfinetando seu cérebro. Durante este período interminável, de longas horas espreitando tudo, verificando entradas e saídas, horários, gestos, detalhes de sapatos, roupas, quem era quem no pedaço,

Serelepe havia contabilizado em sua memória tudo o quê acontecia dentro e fora daquela casa. Até quem nada fazia. Quem nada fazia eram, na verdade dois: Amarelo e ele, o Serelepe. Mesmo assim dava suas voltas pelas ruas do bairro, levava pedradas dos moleques, fugia com medo de ser atropelado por algum caminhão endoidecido, fazia novas amizades. Resolveu aliciar um amigo que topou no ato invadirem juntos a fortaleza inimiga. Mas na hora de entrar no campo de batalha, seu amigo fora expulso a vassouradas pela Divina. Tentou impedir com alguns latidos, mas a vassoura cantou mais alto. Passados os momentos de raiva, resolveu que seu plano estava amadurecido. Era só ir à luta. Na hora marcada, postou-se em severa vigília. Zeca, de tão apressado que estava, às quartas-feiras de manhã, para o abençoado jogo de futebol nem reparou que ele estava à espreita. Divina começara seu repertório de boleros no quintal. A porta do quarto de Zeca ficava aberta. Era só entrar agora no quarto como um leão enfurecido, jogar seu corpo contra o móvel onde ficava o aquário, derrubá-lo e fazer daquela espécie inimiga a mais saborosa comida para gatos. Foi o que fez. Olhou para o peixinho que apenas estranhou sua presença tão cedo, esticou todos os músculos das pernas, abanou o rabo, eriçou as orelhas, mostrou os dentes afiados e embalou. Jogou-se com toda fúria contra o aquário. Sentiu uma dor aguda na cabeça, ganiu e nada. O aquário ficou no mesmo lugar que estava. Amarelo sentiu a vibração da pancada, mas foi apenas um susto. Serelepe cabisbaixo voltou ao local onde montava guarda. Fechou os olhos e tentou esquecer sua primeira derrota. A batalha estava perdida, a guerra não. Imaginou que estava em cima da cama do Zeca. Desmanchou os lençóis, rasgou a fronha do travesseiro, derrubou o vaso de flores que, por infelicidade, caíra sobre sua cabeça. Humilhado e molhado retirou-se do quarto e se escondeu no quintal aguardando as vassouradas da Divina. Foi exatamente o que aconteceu. Acordou com a Divina dando-lhe umas boas vassouradas. Saiu correndo e foi para a sala, debaixo da mesa de jantar. Não se deu por vencido. Perde-se alguns rounds. A luta, jamais. Precisava encontrar uma nova estratégia. Afinal é para isso que existem os grandes generais das batalhas tão conhecidos nas ruas. Aprendera no tapa como se organizar e nunca se dava por vencido com uma pequena derrota. Enquanto isso, Divina entra no quarto do Zeca. Trouxera consigo o seu grande instrumento, que mais parecia uma metralhadora: o aspirador de pó. Aí que ele reparou num pequeno mas importante detalhe. Divina desligara o aquário. Ligou aquela barulheira e se deliciava com aquele som hard, meio heavy metal, barulheira infernal, mais de cem decibéis para seus ouvidos aptos a captar os sons das próprias sombras. Serelepe então percebeu que havia algo

de podre no ar. Aquele brucutú barulhento era a mais celestial das harmonias. Divina divina! Como não? Ela termina seu vendaval sonoro, arruma o quarto como se fosse de um príncipe e se manda para o seu reino: o fundo do quintal. Serelepe reparou que Divina era perfeita em suas tarefas domésticas. Ao sair ligara novamente o filtro biológico do aquário. Estava matada a charada. Foi Divina sair para Serelepe entrar em ação. Não foi muito difícil puxar o bendito fio. Em uma fração de segundos começava um outro round. Talvez o definitivo. Serelepe não era dado a manifestações metafísicas. Mas para ele, ser prático era fundamental. Para sua mente o fim era o fim. Notou que sua vítima estava preocupada. O aquário não mais borbulhava. Amarelo estava quieto num canto, movendo apenas as suas nadadeiras, como se tentasse um equilibrio na corda bamba, uma corda invisível. Em questão de horas Amarelo deixaria de respirar. Seria mais uma triste lembrança naquele quarto que um dia fora seu. E lembranças, por mais fortes que sejam, desaparecem da noite para o dia, num piscar de olhos.
Serelepe afastou-se lentamente, rastejando. Acabou por se instalar debaixo de uma cadeira de onde tinha uma visão perfeita do inimigo. Passo a passo ele veria aquele maldito peixinho rabugento definhar e por fim exalar o último suspiro, o adeus definitivo. Nunca fora tão fácil. Estas coisas não acontecem assim por acaso. Fazem parte de um destino maduro.
O tempo foi passando. Para Amarelo era sufocante. Alguém precisava vir socorrê-lo. Zeca estava jogando futebol com amigos. O oxigênio da água do aquário não duraria muito. Era uma questão de tempo.
Para Amarelo uma questão de vida. Para Serelepe uma questão de morte. Serelepe, do lugar onde estava, ousava vez ou outra um lânguido olhar para se inteirar da situação. E pelo jeito, tudo sobre controle. Até que aconteceu o inevitável. Zeca entrou como um furacão casa adentro. Havia tido uma briga com um dos jogadores e resolvera acabar de vez com a pelada daquela manhã. Pegou a bola e deixou todo mundo a ver navios apesar dos pedidos de desculpas, de que não fora por querer, foi um acidente. Zeca não deu ouvidos a ninguém e com a cara amarrada voltou para casa. Entrou no quarto, jogou a bola num canto e foi direto para o aquário. Serelepe teve um calafrio. Tentou sair de mansinho. Mas resolveu ficar mais um pouco. Talvez Zeca nem notasse que o crime havia sido cometido. Zeca perguntou para Amarelo se tudo estava bem. Amarelo não respondeu. Zeca estava tirando a camisa suada e perguntou se o amigo estava bem, se estava com algum problema. Ouviu uma débil voz vinda do aquário. "O que foi?” perguntou Zeca. "Estou morrendo", respondeu Amarelo. "Mas como?" "Desligaram o oxigênio”."Quem fez isto?” "O amigo

do homem, seu cão". "Não acredito!" "É a pura verdade. Olha para a tomada". Zeca então percebeu que a tomada do fio que ligava o filtro biológico estava desligada. Amarelo tinha razão. Num impulso rápido ligou novamente a tomada. O aquário imediatamente começou a borbulhar. Zeca enfurecido saiu a procura de Serelepe. Encontrou-o na sala, se arrastando com um olhar de mea culpa. Não foi preciso muito. Zeca abriu a porta da sala. Apontou-a para seu ex-amigo. Ele tentou se aproximar, lambeu-lhe os pés. Recebeu um chute no focinho. Serelepe ganiu de dor. Saiu correndo pela porta. Mas ainda ficou um tempo no portão, abanando a cauda, não querendo acreditar no que estava acontecendo. Zeca fechou o portão. Serelepe ganhou novamente o caminho das ruas. Soube-se que ele voltou várias vezes, choramingando. Zeca foi irredutível. Passados alguns dias contaram para Divina que a carrocinha da Prefeitura pegara o Serelepe. Ele tentou escapar, mas foi encaçapado. E para onde o levaram todo mundo sabia que era um caminho sem volta. Zeca murmurou um "bem-feito" e foi cuidar de sua vida. Mas andou triste pelos cantos da casa. Foi correto o que fizera com o Serelepe? E se lhe tivessem feito algum mal? Estava sendo tratado com rações, tinha algum espaço livre para correr? Foi aliviar suas mágoas com Amarelo. Amarelo, por sua vez, não entendia de canil e num piscar de olhos, Serelepe era página virada. Na verdade, todo mundo sabe quando um desses animais ao ser aprisionado na rua, é considerado cão vadio, sem dono, com um destino comum. Um triste fim. Zeca nem gostava de pensar nisto. Chegou a comentar com Divina, mas Divina era mais trágica do que ele podia imaginar. Nestas alturas Serelepe já havia se transformado em sabão. Zeca resolveu mudar de assunto, colocou um Mozart e curtiu junto com Amarelo a sua dor. Ambos se embriagaram com aquelas notas celestiais e reconfortantes. A vida continuou seguindo seu rumo. Amarelo queria que Zeca lesse histórias para ele. Zeca passava horas lendo os contos de Andersen para o amigo. Histórias fascinantes, de mundos desconhecidos e que terminavam de uma maneira que a imaginação flutuasse. Incríveis aquelas histórias. Como ele as teria inventado? Os dias foram passando. A notícia veio de noite. O pai de Zeca estava de folga por uns dias. Para melhorar a situação o tempo estava incrível, com sol. Iriam todos para a casa de praia. Zeca foi contar a novidade para Amarelo que, por sua vez, dançou uma das mais belas coreografias dentro de um aquário. Parecia um peixe em chamas tal a rapidez dos movimentos. Perguntou, cansado, se desta vez iriam levá-lo. Zeca ficou de confirmar com o pai. Amarelo:"Desta vez eu vou". Zeca: "Temos problemas de ordem familiar pela frente". Amarelo: "Eu quero ver o mar". Zeca : "Você está cansado de ver o mar pelos vídeos, não

está?" Amarelo: "Não é a mesma coisa". Zeca: "Como não é a mesma coisa?"Amarelo: "Não tem cheiro de mar, não tem o tamanho de mar".

Zeca riu das observações do amigo. Ele tinha razão. Não era a mesma coisa. Prometeu dar um jeito na situação, iria falar com o pai. Zeca saiu do quarto. Encontrou sua mãe atarefada em arrumar a bagagem. Ela disse que não tinha tempo para resolver estas questões. Que fosse falar com o pai. Zeca viu que teria uma montanha de problemas pela frente. O pai era louco por política. Só falava em política. Dizia que até o pão que estava comendo era uma questão de política. Em suma, comiam, bebiam, respiravam, se divertiam politicamente. E não existia uma outra maneira de ser. Em casa, cada um tinha seu aparelho de TV. O pai só acompanhava os noticiários. Via todos, mesmo que a notícia já fora vista, ouvida e lida várias vezes. Chegava até corrigir o repórter, esbravejando, vociferando, chamando aquele idiota de incompetente. O país era ssim. Um bando deles. Na política, nas lojas, nas faculdades... Bem, Zeca precisava de um esquema para entrar naquele território minado. Entrou no escritório do pai. Jornais e livros espalhados por toda parte. Coitada da Divina, pensou o Zeca. Colocar toda aquela bagunça em ordem. Só com muito Roberto Carlos na alma. Depois de arrumada a tal sala, a confusão estava na ordem de uma torre de Babel. Um dia seu pai dissera para sua mãe que iria enforcar a Divina se ela botasse de novo a mão nos seus livros, revistas, Cds, enfim... ele sabia dar ordem à sua desordem. É que Divina no afã de organizar aquela bagunça, misturava tudo...... Zeca teria que se concentrar. Entrou e viu logo um grande sorriso estampado na cara do coroa. Não deu tempo nem de respirar."Escuta,escuta esta." Zeca sentou-se no meio daquele tapete de papéis e fitou o pai. Ele leu: "Do grande filósofo e estadista chinês, Confúcio, para uma humanidade falida:

O MAIOR BEM PARA UM POVO SERÁ AFASTAR DOS CARGOS PÚBLICOS OS IGNORANTES E OS CORRUPTOS E ESCOLHER PARA GOVERNÁ-LOS OS HOMENS DE MAIOR SABEDORIA".

Era demais, não era? Zeca concordou. Fazia sinais com a cabeça porque seu pai não lhe dava chance de responder. Então se utilizava de códigos. Era mais fácil, não se perdia muito tempo. Quando estava diante do seu pai, Zeca acaba concordando com tudo. Seu pai se parecia com aquela enorme esfinge do deserto. Aquela frase era um bom presságio, Zeca calculou. Chegou mais perto. Já se habituara a ouvir as mesmas histórias que se repetiam, repetiam, como os inúmeros artigos de jornais e aquelas mesmices dos noticiários das Tvs. O pai repetiu a frase várias vezes. Era para gravar e não esquecê-la nunca mais. Mas o inusitado era que cada vez que o pai lia, Zeca foi percebendo que

aquelas palavras traziam algo de novo, de estranho, era como se elas fossem ditas pela primeira vez, com aquele sabor diferente sempre que se faziam ouvir. Seu pai ainda mais eufórico dizia que esta frase deveria estar estampada na bandeira do país, nos corredores do Congresso, nos bottons dos políticos, nas caras pintadas que já não tinham nem dinheiro para borrar o rosto de verde-amarelo, enfim, nas escolas, portas de igrejas, hospitais, carros, aviões, navios, iluminar os semáforos e brilhar nos céus. Ufa! Zeca acenava com a cabeça, atônito. Parecia que aquelas palavras eram jorradas aos borbotões pelo pai com um gosto! Ah! gosto de salamargo... Zeca concordou, concordou, concordou... Na hora certa, deu o bote. O golpe foi certeiro. O Amarelo queria ver o mar."Mas como?” "Isto mesmo". "Então fale com sua mãe". "Eu já falei com ela.” " Então está resolvido". Zeca estava diante de um impasse. A decisão dependia dele mas foi graças a Confúcio, o tal sábio chinês. Era justo que Amarelo fosse junto. Peixes, bolas, pipas, bolinhas de gude, cães, pássaros, fazem parte do universo das crianças. Zeca saiu correndo da sala. Precisava respirar e ter fôlego para contar a novidade para Amarelo. Viajariam depois do almoço, no dia seguinte. O aquário não poderia ir no carro. Não cabia no porta-malas. Zeca arrumou um vasilhame da cozinha. Amarelo aceitou de bom grado. O seu novo lar era bem pequeno. Não havia espaço para manobras radicais. Deixou-o sonolento. Mas isto não tinha a menor importância. Dentro de algumas horas estaria perto de alcançar seu sonho mais ambicioso: o mar. Zeca disse que o movimento do carro era parecido com o movimento das ondas. Só que numa proporção menor. O que fez Amarelo rir da comparação. Zeca continuou com o pensamento. Amarelo precisava se dar conta que iria fazer alguns passeios de barco. Sentiria na pele a diferença. Com o aquário no colo, Zeca adormeceu. Amarelo, passados os primeiros momentos de suspense, também adormeceu. Mas na realidade continou com a mente acordada, numa espécie de consciência de vigília, quando a gente não sabe ao certo se está dormindo ou se realmente está acordado. Amarelo destrambelou a mente. Amarelo estava viajando em um outro espaço. Tinha a nítida sensação de que voava, talvez fosse este o termo mais exato. Mas voava com as palavras, se é que as palavras têm o dom de voar como voam os pássaros. Amarelo contemplava a trajetória do seu ser, da sua condição do ser que pensa. Ao contemplar esta estranha trajetória, ele acabou percebendo, meio sem querer, que o ser substitui uma experiência aparentemente real por outra mais dimensionada, mais real ainda, vislumbrando-a. Era uma sensação que não dava para explicar muito bem. Por isso imaginava voar com as palavras que surgiam e desapareciam, multiplicavam-se como cores de fogos de artifícios.

Apagavam-se como os meteoritos pelas noites estreladas da imensidão. Ele sabia que o envolvimento deste seu spectrum com as novas tecnologias acabaria por ampliar fronteiras alternativas e ainda desconhecidas, mas que poderia colocar o ser - que ele agora representava - como um precursor polarizado diante das Fúrias Assustadoras. Elas existiam. Estavam ali, espreitando-o, querendo a todo custo devorá-lo. Amarelo tremeu na base, isto é, lá dentro. Eram gárgulas agora o que ele conseguia ver e que o fariam sobreviver de qualquer maneira, porque ele, já conseguia num lapso absoluto de tempo, se desviar de suas bocarras avassaladoras. Eram criaturas revoltadas com a expulsão da luz em suas vidas e que mergulharam na mais profunda escuridão. Longe, nebulosamente, o sol se escondia delas. A vida fugia delas. O sol que poderia revolucionar a si mesmo! Era esta possibilidade que lhes fora tirada. Por isso eram cruéis e vingativas. Diabólicas, isto sim. De repente, Amarelo parecia se referir a um outro lugar, um lugar que não tinha nome nem classificações. Um lugar sem paisagens. O lugar da morte. Do vazio absoluto. Um lugar que desapareceu no mapa do passado, mas que existia naquele horizonte sem fim. Seria uma paisagem lunar? Uma paisagem que existia no olhar de alguém? Um olhar maior que perturbava a distância de uma reta sem começo nem fim. Existe um momento crucial onde o ser, na sua luta pela sobrevivência, faz cindir o pedaço de universo que traz debaixo dos pés. E que se reflete eternamente. Apenas a guerra fomentada entre os seres humanos e espectrais poderia delimitar os confins desta existência demarcada por sinais que indicavam as fronteiras. Um passo em falso e a guerra das estrelas eclodiria, numa sucessão de explosões. Por milhares de anos. Partir sem êxito algum. Um guerreiro estelar predestinado à derrota dos caminhos celestiais, tendo como obstáculo a Via Láctea absoluta. Amarelo precisava romper definitivamente com o silêncio sepulcral que poderia aprisioná-lo. Deveria conhecer o extremo do mundo, fora do tempo estelar. Como seria o mundo depois da sua volta? Haveria possibilidades de retornar à Galáxia antes da chegada do Exterminador? Foi então que o carro freou bruscamente e Amarelo acordou assustado. Diante dele, na estrada, uma fila de carros parados. O quE aconteceu? Um senhor que também aguardava naquela fila de quilômetros deu a notícia. Uma carreta entrou na contra mão e acabou virando. A polícia e o corpo de bombeiros estavam tomando as providências necessárias. Precisavam desvirar a carreta e tirá-la da estrada. Enquanto isso, Zeca pegou o aquário improvisado e foi com Amarelo dar umas voltas. O ar das montanhas era puro. A natureza impressionava ao redor. Um mundo novo aparecia aos olhos de Amarelo que, contemplava fascinado, toda aquela gigantesca maravilha vista

só em filmes. Agora era de verdade. Aquelas montanhas existiam mesmo, estavam lá, diante dos seus olhos. Zeca andou por uns dez minutos e até ouviu a voz de sua mãe pedindo para não se afastar muito.Descobriu uma pequena trilha meio escondida no meio de arbustos e algumas árvores. Desceu por ela e viu uma casa. Dirigiu-se até lá e pediu água. Uma menina trouxe água num copo. Zeca bebeu água e perguntou se poderia trocar a água do aquário. Seu peixinho deveria estar precisando de mais oxigênio. A menina apontou para uma torneira ao lado da casa. Zeca trocou a água do aquário. Amarelo respirou aliviado e satisfeito. A água estava leve e fresca. Zeca sentou-se ao lado da casa e ficou admirando ao redor. A menina se aproximou. Perguntou se o peixinho era dele. Se ele tinha outros. Ela nunca havia visto um peixe colorido. Achava aquele peixinho muito bonito. Um dia ela queria ter um aquário bem grande cheio de peixes coloridos. Zeca disse a ela que existiam milhares de peixes coloridos e diferentes espalhados pelo mundo. A menina riu incrédula. Zeca ouviu alguns motores dos carros funcionando. Estava na hora de voltar. Agradeceu a menina que estava descalça e subiu apressado pela trilha. Seu pai o aguardava aflito. Conseguiram desimpedir a estrada e poderiam seguir viagem. Estavam atrasados mais de uma hora. Chegariam à casa de praia ao entardecer. Amarelo perguntou onde estava. Zeca murmurou que não sabia. Seu pai disse que ainda estavam a caminho. Sua mãe, com aqueles eternos óculos escuros, lia uma revista. Passaram pela carreta que ainda estava sendo arrastada por guindastes. Felizmente, ninguém se ferira, foi o que Zeca ouviu. Continuaram a viagem em silêncio. Seu pai tentou ligar o rádio, mas as estações estavam com alguma estática. Então Zeca passou a ele uma fita cassete. Seu pai olhou a fita admirado. Ele também gostava de Mozart. Colocou a fita e apertou o play. A música de Mozart trouxe a sonoridade da beleza como uma espécie de conforto ao silêncio de cada um. Aqueles sons admiráveis revelavam camadas de mistérios. Seduziam as montanhas e embelezavam o cenário deslumbrante. Aquela música tinha o dom de restaurar forças, produzindo uma sensação de bem-estar e euforia. Ela produzia aquele contato do mundo externo, físico com a energia mais pura, primordial. Amarelo não se conteve e disse a Zeca que aquela música era a música das montanhas silenciosas. Foi assim que chegaram à casa de praia, ao entardecer. Zeca pegou sua mochila e o aquário com bastante cuidado e foi para o seu quarto. Jogou a mochila na cama e colocou o aquário sobre o peitoril da janela. Amarelo sentiu de longe o cheiro da maresia, aquele cheiro que tantas vezes falaram nos programas sobre os mares do mundo. Pediu a Zeca que o levasse até a praia. Queria conhecer o mar. Zeca saltou pela janela e pegou o aquário.

Andou cautelosamente porque o caminho era uma descida estreita, escorregadia. O cheiro de mar era embriagador. Uma pequena brisa refrescava o ar. Poucas nuvens no céu, mais à sudeste. No horizonte, aquela luz que iluminava o fim do mundo. O mar era como perfume de uma rosa se abrindo, orvalhada de manhãs. Foi assim que Amarelo definiu o mar. Aquele ondular ininterrupto, infinito, movendo-se a perder de vista. O mar não tinha começo nem fim, embora desse a impressão de terminar naquela praia. De onde vinha o mar? Amarelo estava feliz. Nadava com uma certa ansiedade. Queria tocar e ser tocado por uma daquelas ondas. Idéias borbulhavam na sua mente. Chegaram à praia, bem perto onde elas morriam na areia. Zeca refrescou seus pés nas ondas que se quebravam tépidas. Colocou o aquário na areia molhada, bem perto e ficou olhando aquela vastidão. Amarelo estava olhando também, mergulhado num profundo silêncio, um silêncio que perturbava a alma. Aquilo era demais. Um gigantesco fluir de águas marulhentas. Uma música, que talvez só ele ouvia, inebriava, ensurdecendo-o. Zeca disse que a praia estava deserta àquela hora do dia. Amarelo pensou que eles eram os únicos seres vivos. Dois seres abandonados naquela parte da terra, o lugar desconhecido e perigoso do tesouro. A imaginação de Amarelo viajava como um surfista pegando suas ondas. Do outro lado estavam algumas montanhas, enormes de verde, contrastando com o azul do mar e o azul sem nuvens do céu. Algumas gaivotas voaram perto. Amarelo ouviu seus gritos e depois elas voaram para longe. Amarelo perguntou pelos tubarões. Zeca disse que não havia tubarões. A maioria dos grandes peixes habitam o fundo dos oceanos. Raramente vinham até a praia. Em algumas baías do norte, baleias à procura de alimento e de um local aprazível para o acasalamento, chegavam aos bandos. Outrora, muitas delas foram quase dizimadas pelo homem. Outras espécies marítimas também estavam entre os animais em extinção e que mereciam cuidados e estudos por parte de governos, entidades ecológicas e científicas. O mutante mundo estava merecendo mais atenção agora que descobriram que a terra era um imenso ser vivo. Ficaram em silêncio por um bom tempo, pois o mar acaba por deixar as pessoas pensativas. O sol estava se pondo no horizonte, refletindo seus últimos reflexos por uma faixa magnífica de luzes. Deitou-se por detrás de uma nuvem colorindo céu e mar de vermelhão. Em seguida, afundou-se no mar. Ou escondeu-se nele para dormir, depois de eternizá-lo de beleza por uma fração de segundos. Logo o céu foi se escurecendo e algumas estrelas começaram a brilhar. Uma brisa suave esfriava um pouco o ar. Zeca disse que dali a instantes milhões de estrelas iriam surgir no céu. E elas foram surgindo, quase que de repente, num abrir e fechar de olhos. Aos milhares. Pareciam pipocar no céu,

brilhantes, fazendo um tapete de pequenas luzes. Foi quando Zeca se assustou e pegou rápido o aquário. Precisava trocar a água senão faltaria oxigênio. Tinham que voltar para casa. Amarelo queria ficar mais um pouco. Disse ao Zeca que fosse até à casa de praia para buscar uma garrafa com água fresca. Zeca relutou um pouco. Teria que deixar o aquário com Amarelo naquela região erma. Poderia ser perigoso. Como perigoso? retrucou o peixinho. Se não havia ninguém ali, a não ser as longínguas estrelas do firmamento. Impossível resistir a tanta beleza. Queria ficar. Zeca riu da teimosia do amigo. Depois concordou. Iria buscar água. Mas com o passar das horas deveriam voltar para casa porque poderia esfriar bastante. Amarelo fez uma sugestão. Por que não acampar naquela praia? Era uma idéia. Zeca ficou de pensar no caminho. Depois daria uma resposta. Olhou em volta preocupado. Nenhum sinal de vivalma. Despediu-se de Amarelo e voltou correndo para casa. Encontrou seus pais e Divina ainda atarefados com arrumação de bagagens, jantar, etc. Zeca descobriu uma garrafa vazia. Encheu-a de água. Foi para o seu quarto e disfarçadamente, pulou a janela. Voltou correndo para a praia. Ao chegar ao local onde deixara o aquário Zeca levou um grande susto. Nada do Amarelo. O peixinho não estava mais lá. O aquário fora derrubado... mas por quem? Olhou em volta, vasculhou palmo a palmo. Nada. Nenhum sinal do peixinho, nenhum rastro de ninguém, de animal, de ave, nada, nada, nada. As ondas iam e vinham, como gestos mecânicos, controlados por um relógio biológico. Zeca começou a se desesperar. Correu de um lado para o outro. Gritou o nome do amigo. Nenhuma resposta. Lágrimas desceram pelos olhos. Zeca não queria acreditar. Não podia ser verdade. Ele se descuidara ao deixar o aquário sózinho na praia. Fora ingênuo, não calculara a dimensão do problema que teria pela frente. Ou Amarelo saltou do aquário em busca de oxigênio, ou uma daquelas ondas derrubou o aquário e levou o indefeso peixinho falador... ou algum animal passava perto e o abocanhou... até mesmo uma daquelas gaivotas que estiveram sobrevoando o local, esperando a hora certa quando o incauto menino se descuidasse...Tudo poderia ter acontecido. Mas o que aconteceu afinal? Amarelo precisava de oxigênio, mas o tempo que ele levara até a casa da praia e voltado não era motivo para um suicídio, uma precipitação, ou...as lágrimas não deixaram mais Zeca pensar. Correu mais um pouco, mas percebeu que seria inútil. Não restava mais nada a fazer. Nem mesmo esperar. O pior aconteceu e não tinha mesmo volta. As ondas tremulavam no mar, ameaçadoras. Eram ondas mais fortes e bramiam como se fossem um canto de morte, uma espécie de réquiem... uma música fascinante, por sinal. Um mozartmar para o peixinho que, num passe de mágica, sumira

para sempre. Zeca estava com uma dor no peito, aquela dor provocada pela ausência. O desespero e as emoções inesperadas o deixaram muito cansado. Abraçou o aquário vazio. Coberto pelo manto das estrelas cintilantes, adormeceu na praia, tristonho e infeliz, sem poder reagir diante do incomensurável oceano, cheio de mistérios e lendas. Como contavam os antigos marinheiros, os náufragos que conseguiram sobreviver, e mesmo, alguns pescadores. Zeca sonhou que ouvia a voz do Amarelo. Amarelo o chamava para entrar mar adentro. A voz se confundia com o marulhar das ondas. Naquela hora da noite o mar era de um verde muito escuro. Zeca entrou pela água e foi andando, andando, até que as ondas cobriram sua cabeça. Não estava com medo, sentia seu corpo muito leve e era fácil comandá-lo no meio daquela argamassa de água salgada. Alguns seres diferentes pareciam vagalumes do mar. Seus corpos cintilavam como as estrelas. Chamou pelo amigo. Até aquele momento não viu nenhum sinal dele. Uma raia gigante, parecendo uma bailarina passou perto. Ele perguntou se ela não tinha visto o Amarelo. Ela sorriu, respondeu que não conhecia nenhum peixinho com aquele nome. Depois seguiu em frente com seus gestos graciosos e elegantes. Zeca continuou a busca. De repente ele se viu cercado por um cardume de peixes pequenos. Eram milhares, que se movimentavam de uma só vez. Todos faziam o mesmo movimento, simultaneamente, numa incrível velocidade. Quando Zeca perguntou a eles, eles se afastaram tão rápidos como vieram. Encontrou uma tartaruga gigante. Talvez ela estivesse vindo para a praia, para a desova. Ela nem olhou para ele, talvez preocupada com o seu tempo de gestação. Zeca continuou andando mar adentro. Naquela hora da noite muitos peixes e estranhos animais marinhos saíam de suas tocas para se dedicarem à caça de alimentos. Muitos vieram até ele, curiosos e se afastaram rapidamente. Até que Zeca se perdeu num mar de sargaços e não sabia como sair daqueles imensos galhos embaraçados nele. Ficou preso lá por muito tempo. Quando conseguiu sair, acordou. A maresia molhara suas roupas. Ele sentiu um pouco de frio. O aquário estava caído, do seu lado. Pensou no Amarelo. Parecia tê-lo visto se debatendo na areia pegajosa. Foi só uma visão momentânea. Viu a garrafa de água doce. E se Amarelo tivesse, num ímpeto de ousadia e aventura, se jogado ao mar, na primeira onda que chegou perto do aquário? Aí teria sido o fim, pois seu amigo era um peixe de água doce... O choque teria sido fatal. Uma brisa doce e suave chegou do oceano. Aos poucos foi amanhecendo. A água dourava-se com a luz do sol. Num instante o céu rosa transformou-se em púrpura e ouro. Era mágico. Zeca sentiu um aperto no coração ao ver aquela luz dourada misturando-se com o verde azul do mar. Zeca teve a sensação do

infinito. Dolorosa beleza! Dava um nó na garganta. Era difícil até de pensar numa hora como aquela. Fechou os olhos. Gostava do cheiro do mar. Inspirou profundamente. Sentiu os raios do sol no rosto e nos olhos cerrados. Seu pai veio correndo em sua direção chamando pelo seu nome. Ao chegar perto, perguntou o que estava acontecendo. Zeca apontou para o aquário vazio. O pai ajoelhou-se ao lado do filho e o abraçou ternamente. Depois de um prolongado silêncio, disse: "Não se preocupe, meu filho. Hoje mesmo vou comprar outro peixinho prá você. Todos os peixes são iguais, não são?" Deu-lhe um beijo no rosto. Zeca não respondeu. Olhou pesaroso para o mar que era do tamanho da
sua tristeza. Suspirou fundo. "Ah! Que saudade do Amarelo. Que saudade! "

Marcio Sgreccia
Rua Nestor Pestana, 237 apto. 111
01303 – 000 Consolação
São Paulo – SP

Tel: 0(xx) (11) 256-3997
Email: marciosgreccia@ig.com.br

Fundação Biblioteca Nacional
Certificado de Registro
Registro: 213.535 Livro: 372 Folha: 195